

A METAFUNÇÃO COMPOSICIONAL EM IMAGENS COMPONENTES DA MICROESTRUTURA DE VERBETES DE UM DICIONÁRIO VISUAL

Eduarda Barbosa DUARTE⁹

Antônio Luciano PONTES¹⁰

Resumo: Integradas à estrutura de dicionários e associadas ao código verbal, as imagens – código semiótico não verbal – podem transmitir diversas mensagens não só por meio do conteúdo nelas representado, mas também por meio do posicionamento que ocupam na página, da saliência em relação a outros elementos, da estruturação etc. Assim, tomando as imagens como recursos multimodais, este artigo tem como objetivo analisar o código imagético que compõe a microestrutura de cinco verbetes referentes ao dicionário visual *Merriam-Webster's Compact Visual Dictionary* (2010) a partir das categorias relacionadas à *metafunção composicional* como proposta por Kress e van Leeuwen (1996, 2006).

Palavras-chave: Metafunção composicional. Multimodalidade. Dicionário visual.

Abstract: *Integrated into the structure of the dictionaries and associated with the verbal code, the images – non verbal semiotic code – can transmit multiple messages not only through the content in them represented, but also through the positioning that they occupy on page, the projection in relation to other elements, the framing, etc. Thus, taking the images as multimodal resources, this article aims to analyze the visual code that composes the microstructure of five entries related to the Merriam-Webster's Compact Visual Dictionary (2010) using the categories related to compositional metafunction as proposed by Kress and van Leeuwen (1996, 2006).*

Keywords: *Compositional metafunction. Multimodality. Visual dictionary.*

⁹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: eduardabduarte@gmail.com.

¹⁰ Professor adjunto do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA) da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Fortaleza, Ceará, Brasil. E-mail: pontes321@hotmail.com.

Introdução

Este artigo tem como objetivo analisar as imagens que compõem as microestruturas de cinco verbetes a partir da *metafunção composicional*, que, de modo geral, pode ser definida como a relação que ocorre entre os elementos composicionais que formam o todo de uma imagem. O material de análise deste trabalho foi retirado do dicionário *Merriam-Webster's Compact Visual Dictionary* (2010) – deste ponto em diante, *Merriam-Webster* (2010).

Como bases teóricas desta pesquisa, utilizaremos as categorizações da *metafunção composicional* propostas na Gramática do *Design* Visual de Kress e van Leeuwen (1996, 2006), além de textos de autores como Damim (2005), Silva (2006) e Pontes (2009), os quais tratam de questões de natureza metalexigráfica.

O presente trabalho será dividido, basicamente, em duas seções: primeiramente, apresentaremos um panorama geral sobre a multimodalidade, a *metafunção composicional* e suas categorias, além de discorrermos sobre questões relacionadas a dicionários. Em seguida, partiremos para a análise do *corpus* formado pelos verbetes selecionados do *Merriam-Webster* (2010).

Referencial teórico

A multimodalidade: panorama geral

Para Kress e van Leeuwen (1996, 2006) a multimodalidade está ligada à noção de composição, isto é, os textos multimodais são compostos por um conjunto de códigos semióticos variados que se associam na tentativa de transmitir significados. O caráter multimodal cada vez mais presente nos textos pode ser associado aos avanços tecnológicos, especialmente na área da cibernética, que ocorreram ao longo das últimas décadas. O computador e a internet possibilitaram o enriquecimento multimodal dos textos que, devido aos recursos disponibilizados no meio digital, não só passaram a contar com vários modos semióticos para além do verbal na sua formação, como também influenciaram (e influenciam) os textos produzidos no meio impresso, os quais passaram a apresentar uma maior profusão de modos semióticos não verbais em sua estruturação. Dito de outra forma, os textos impressos também começaram a apresentar traços multimodais com a inclusão, principalmente, do código imagético em detrimento do código verbal até então considerado como a forma de comunicação principal.

A emergência da multimodalidade nos textos tanto digitais quanto impressos levou à necessidade da criação de uma teoria que discutisse este aspecto em particular; assim, Kress e van Leeuwen desenvolveram a Teoria da Multimodalidade fundamentada na concepção de textos configurados por códigos múltiplos, verbais e não verbais, os quais, de acordo com suas características e com os valores vigentes em cada cultura, são combinados e dispostos de maneiras distintas nos textos para transmitir significados.

Como já citado, a Teoria da Multimodalidade surgiu para dar conta dos textos que conjugavam códigos variados em sua composição. Dentre esses códigos, as imagens adquiriram cada vez mais espaço e cada vez mais significados que não poderiam ser interpretados pela gramática tradicional. Desta necessidade de uma obra dedicada às imagens e seu significados dentro de textos multimodais, surgiu a Gramática do *Design Visual* – GDV – que será brevemente apresentada no próximo tópico.

A Gramática do *Design Visual*

Em linhas gerais, a GDV, de Kress e van Leeuwen (1996, 2006), traz os pressupostos para análise do modo semiótico imagético que, em associação a outros modos semióticos, constitui “arranjos” visuais de complexidade variável.

Para a análise das imagens que compõem os textos multimodais, os autores, baseados em pressupostos da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) de Halliday, propuseram na GDV três metafunções, a saber, *representacional*, *interativa* e *composicional*, as quais correspondem, respectivamente, às funções ideacional, interpessoal e textual da LSF¹¹.

Em linhas gerais, a *metafunção representacional* refere-se à relação que ocorre entre os participantes que fazem parte da imagem, já a *metafunção interativa* trata da relação entre o observador/leitor da imagem e a imagem em si e, por fim, a *metafunção composicional* diz respeito à articulação dos elementos visuais na composição do todo imagético. Para os fins deste trabalho, acreditamos que esta breve apresentação das metafunções é suficiente; porém, trataremos com mais detalhes daquela de cunho *composicional*, que baseará a análise a ser realizada posteriormente.

¹¹ Para maiores esclarecimentos sobre as funções ideacional, interpessoal e textual propostas por Halliday, recomendamos o livro **An Introduction to Functional Grammar** (2004), de Halliday.

A metafunção composicional e seus aspectos

Kress e van Leeuwen (1996, 2006) postulam que a *metafunção composicional* – equivalente à função textual da LSF hallidayana, de acordo com os autores – diz respeito à integração dos elementos visuais na composição do todo imagético. Dito de outra forma, a *metafunção composicional* traz para “dentro de si” as demais metafunções, *representacional* e *interativa*, associando-as para que a imagem ganhe coerência ao apresentar relações lógicas no que concerne à disposição dos elementos dentro do todo da imagem em áreas que, segundo Kress e van Leeuwen propõem em sua GDV, carregam significados específicos. Esta coerência interna da imagem está ligada às seguintes categorias presentes na *metafunção composicional*: valor de informação; saliência; e estruturação. Estas três categorias serão tratados a seguir.

Valor de informação

Kress e van Leeuwen (1996, 2006) colocam que o valor de informação diz respeito aos lugares, ou zonas, que os elementos (participantes) ocupam no todo da imagem. Esses lugares nos quais os participantes internos da imagem se encontram referem-se às seguintes áreas: esquerda/direita, topo/base e centro/margem. Cada uma dessas áreas denota valores informacionais específicos; dessa forma, considerando primeiramente a relação entre os elementos componentes da imagem e sua localização nas zonas esquerda e direita, temos, conforme Kress e van Leeuwen, o valor do dado e do novo, respectivamente; quer dizer, quando colocados no lado esquerdo, os elementos são tidos como dados, ou seja, já são conhecidos pelo leitor da imagem “como algo que lhe é familiar, logo, anteriormente estabelecido como ponto de partida da mensagem” (ALMEIDA, 2008, p.23-4).

Em outras palavras, considerando o estilo de leitura ocidental, da esquerda para a direita, o lado esquerdo será tido como ponto de onde o leitor parte quando lê a mensagem transmitida pelo texto e conterà informações familiares. Por sua vez, quando colocados no lado direito, os elementos são tidos como novos, isto é, seguindo o movimento da leitura – esquerda para direita –, as informações postas no lado direito são aquelas contidas no campo do “por vir”; por isso, as informações alocadas do lado direito de um texto multimodal são tidas como novas e requerem atenção específica do leitor.

Quanto à zona relativa ao topo/base, temos que os elementos colocados na parte de cima da imagem – no topo – são classificados como ideais por apresentar, segundo Kress e van Leeuwen (1996, 2006), uma espécie de essência idealizada ou generalizada desses elementos que, por isso, podem ser representados de maneira mais saliente na composição imagética, ou seja, levando em conta o estilo de leitura ocidental – da esquerda para a direita, de cima para baixo – Kress e van Leeuwen colocam que o topo das imagens multimodais traz, na maioria das vezes, as informações mais destacadas, acentuadas de maneira proeminente em relação aos demais elementos porque será este, o topo, o ponto da imagem a ter maior probabilidade de ser focalizado, lido antes de qualquer outro, considerando, como já mencionado, o estilo de leitura ocidental. Já os elementos colocados na parte de baixo da imagem – na base – são classificados como reais por representar informações visuais mais específicas e práticas, as quais não serão lidas prioritariamente ao contrário dos elementos postos no topo, tendo em vista o estilo de leitura ocidental.

Por fim, no que se refere ao centro/margem, temos que os elementos localizados na parte central da imagem formam o núcleo dessa imagem e, por isso, carregam um valor informativo-visual maior em relação àqueles elementos localizados na parte marginal do todo imagético e tidos como subordinados ou periféricos.

Saliência

Na *metafunção composicional*, a saliência diz respeito à relevância dada a determinados elementos dentro da composição imagética. Esta relevância diz respeito ao destaque dado a elementos específicos que fazem parte da imagem por meio, por exemplo, da intensidade ou da suavização das cores e do brilho, do contraste entre primeiro e segundo planos, da fonte utilizada nos textos que compõem a imagem etc. Estas características dos elementos internos representados na imagem captam a atenção do observador e criam uma hierarquia de importância entre as zonas da imagem. Desta forma, “o dado pode ser mais saliente que o novo, por exemplo, ou o novo mais saliente que o dado, ou ambos podem ser igualmente salientes. E o mesmo se aplica ao ideal e real e ao centro e margem” (KRESS e VAN LEEUWEN, 2006, p.201).¹²

¹² “The Given may be more salient than the New, for instance, or the New more salient than the Given, or both may be equally salient. An the same applies to Ideal and Real and to Centre and Margin” (KRESS and VAN LEEUWEN, 2006, p.201).

Estruturação

Em uma composição imagética, a estruturação refere-se à forma como os elementos internos representados na imagem conectam-se ou desconectam-se. A presença ou ausência de conexão pode ser observada por meio de linhas divisórias, ou linhas de estruturação, que aproximam/fundem ou separam os elementos representados e que também funcionam como espécies de indicadores do tipo de estruturação – fraca ou forte – percebida no todo imagético.

Kress e van Leeuwen (1996, 2006) afirmam que esta relação entre conexão ou desconexão e estruturação fraca ou forte dos elementos componentes da imagem pode ser assim definida:

- A conexão ocorre quando não há linhas divisórias separando os elementos representados no todo imagético, o que dá ao observador a impressão de que esses elementos estão interligados, ou mesmo mesclados, em um tipo de fluxo contínuo caracterizado, por exemplo, por cores, brilho, formas etc. semelhantes. A presença de conexão na imagem denota uma estruturação fraca já que, como dito anteriormente, não há linhas divisórias – linhas de estruturação – que separem os elementos;
- A desconexão, por sua vez, ocorre quando há linhas divisórias que marcam uma espécie de diferenciação entre os elementos representados na imagem; desse modo, o observador percebe um contraste de cores, brilho, formas etc., além de um contraste de planos dentro do todo imagético que cria a impressão de descontinuidade e, por consequência, de afastamento entre os elementos componentes da imagem. Ao contrário da conexão, a desconexão denota uma estruturação forte, pois, como já dissemos, há linhas de estruturação presentes na imagem.

Após a apresentação das categorias que fazem parte da *metafunção composicional*, abordaremos a seguir questões relativas às obras dicionarísticas.

Os dicionários: abordagem geral

De acordo com Rangel (2006), os primeiros textos lexicográficos, ou seja, os dicionários, os quais podem ser definidos como obras que descrevem e instrumentalizam a língua (AUROUX, 1992 *apud* PONTES, 2009, p.24), teriam surgido por volta do século XV com o propósito didático de facilitar o acesso dos alunos aos textos clássicos escritos em latim. O autor ressalta ainda que o surgimento das primeiras teorizações sobre a produção dicionarística ocorreu devido à carência de disciplinas que analisassem, discutissem, guiassem essa produção.

Desde o século XV até o XXI, houve uma evolução não só das teorias que versam sobre o fazer dicionarístico, mas também do próprio ato de fazer, de produzir um dicionário e da influência que o usuário – ou consulente – tem nessa “feitura”, visto que é a partir do usuário que o lexicógrafo – estudioso responsável por produzir um dicionário – pode definir, por exemplo, o número de lemas¹³ presentes no dicionário, o modo como se apresentarão as acepções, a presença ou não de ilustrações etc.

Como já citado anteriormente, o desenvolvimento de teorias no âmbito da Metalexigrafia suscitou uma série de pesquisas que destacavam as mais variadas características de dicionários. Tendo em vista os propósitos deste trabalho e também o fato de que as características das obras lexicográficas são bastante numerosas, apresentaremos no próximo tópico aquelas que consideramos principais por dizerem respeito, por exemplo, à caracterização do verbete lexicográfico, ao nível estrutural dos dicionários e às características de um dicionário do tipo visual.

O verbete lexicográfico

Segundo Damim (2005), o verbete lexicográfico é formado basicamente pela junção da palavra-entrada e das informações dispostas depois dela, as quais compõem a microestrutura; porém, mesmo apresentando uma constituição geral semelhante (verbetes = entrada + microestrutura), o verbete, dependendo do dicionário, pode ser organizado de maneiras diferentes. Desta forma, no que diz respeito, por exemplo, ao número de acepções que fazem parte da microestrutura, Pontes (2009) coloca que o verbete pode ser classificado como simples, quando apresenta somente uma acepção para a entrada, ou como complexo, quando apresenta mais de uma acepção.

Quanto ao tipo de informação veiculada, Pontes (2009) afirma que o verbete pode apresentá-la de modo explícito ou implícito. O modo explícito se refere aos enunciados afirmados, fixados e ordenados pelo lexicógrafo como parte do verbete, ou seja, todo o texto que constitui o verbete – desde a palavra-entrada e suas definições até as informações fônicas, etimológicas, gramaticais, dentre outras – caracteriza-se como informação explícita. Por sua vez, o modo implícito se refere àquelas informações que não estão claramente indicadas no verbete, mas que de um modo sub-reptício dizem algo sobre ele, como ocorre com os exemplos de uso, que indiretamente demonstram

¹³ Damim (2005) define lema como a “forma canônica de uma palavra ou expressão” (p.22-3). Ao longo deste artigo, o termo lema será usado como sinônimo de palavra-entrada e entrada, designando, assim, a unidade léxica a ser definida na microestrutura do verbete.

o cotexto (sintático) e o contexto (pragmático) nos quais a palavra-entrada que se define no verbete pode ser utilizada, e com as imagens que podem apresentar informações visuais não contempladas pelo texto verbal.

Nível estrutural dos dicionários: principais características

Os dicionários, apesar de apresentarem aspectos que os diferenciam e particularizam, compartilham traços em comum no que concerne, especialmente, às estruturas que os compõem; assim, como Damim (2005) e Pontes (2009) apontam, as obras dicionarísticas são formadas pelas respectivas estruturas:

- Macroestrutura, definida como o conjunto total de palavras-entrada, ou lemas, presentes em um dicionário;
- Microestrutura, tida como o conjunto de informações (etimologia, classificação gramatical, definição, imagens etc.) dispostas logo após a palavra que se está definindo;
- Medioestrutura, tida como o sistema de remissões que interliga elementos – definições, exemplos, imagens etc. – entre as demais estruturas de um dicionário.

Considerando que as imagens a serem analisadas estão dispostas no nível microestrutural do dicionário *Merriam-Webster* (2010), convém explicar com mais detalhes as características desse nível.

O nível microestrutural nos dicionários

Como já citado anteriormente, a microestrutura basicamente define-se como o conjunto de informações paradigmáticas (etimologia, classificação gramatical, definição, exemplos de uso etc.) dispostas logo após a palavra que se está definindo no verbete.

Damim (2005) afirma que este nível é formado, basicamente, pelo chamado comentário de forma, o qual diz respeito a informações como grafia, pronúncia, flexão de número e gênero, dentre outras, relacionadas ao lema como significante, quer dizer, relacionadas ao lema em si, e também o chamado comentário semântico, o qual se refere a informações como definição, exemplos de uso, sinônimos etc., relacionadas ao lema como significado, isto é, relacionadas ao conceito que aquele lema determinado pode designar.

Ainda tratando das informações microestruturais, Escribano (2003) frisa que, independentemente da ordem sintática ou semântica, estas informações podem variar em cada

dicionário devido a fatores como o propósito da obra e os usuários a que se destinam; além disso, o autor também destaca que, uma vez selecionadas, aquelas informações alocadas na microestrutura dos verbetes devem seguir o mesmo padrão de organização ao longo de todo o dicionário, garantindo sua homogeneidade e evitando que em uma mesma obra alguns dos verbetes apresentem, por exemplo, separação silábica enquanto outros não. No caso de um dicionário de tipo visual – como o *Merriam-Webster* (2010) –, a presença de imagens em todos os verbetes que o compõem pode ser tido como um dos fatores que homogeneízam sua estrutura.

Os dicionários por imagem ou dicionários visuais

Nas obras dicionarísticas, as imagens podem atuar como elementos que assessoram as definições verbais de uma entrada ou podem atuar também como definições visuais, muitas vezes, em detrimento do texto escrito. Justamente no modo como a imagem atua dentro da microestrutura do verbete é que se instala a diferença entre dicionários que contém ilustrações e dicionários constituídos por imagens.

Silva (2006) considera que os dicionários ilustrados são assim caracterizados pelo fato de as imagens estarem conjugadas ao texto verbal da definição de apenas alguns dos lemas componentes destas obras. Desta forma, estes dicionários costumam utilizar as imagens como um acessório, digamos assim, que auxilia na compreensão daquelas entradas cuja complexidade dificulta a representação verbal das definições, havendo, portanto, a necessidade de um auxílio visual. Já no caso dos dicionários por imagem, ou dicionários visuais, a autora destaca que se caracterizam “por apresentarem um paradigma de verbete em que a imagem corresponde à definição da palavra-entrada” (SILVA, 2006, p.64-65). Quer dizer, nestes dicionários a imagem faz parte da microestrutura de todos os verbetes, atuando como definição e não simplesmente como complemento acessório ao código verbal que representa a definição. Este é o caso do *Merriam-Webster* (2010), dicionário visual e multimodal utilizado nesta pesquisa e do qual retiraremos os verbetes a serem analisados a seguir.

Metodologia

A análise do código imagético que constitui a microestrutura dos cinco verbetes retirados do *Merriam-Webster* (2010) será fundamentada no valor de informação, na saliência e na estruturação, categorias ligadas à *metafunção composicional* e já apresentadas em outro ponto deste trabalho.

O dicionário *Merriam-Webster* (2010)

O *Merriam-Webster's Compact Visual Dictionary* (2010), ou *Merriam-Webster* (2010), como convencionamos tratá-lo ao longo do artigo, é uma obra onomasiológica e visual, ou seja, sua organização interna se dá por meio de campos conceituais que não seguem a ordem alfabética e os seus verbetes são compostos, majoritariamente, pelo código visual.

A obra lexicográfica em questão abrange cerca de 3.000 entradas que são acompanhadas por imagens ilustradas de modo detalhado. Essas entradas são divididas em 12 campos temáticos e cada um desses campos principais divide-se em subcampos cujos lemas relacionam-se ao campo principal pelo valor semântico.

Tendo em vista os limites do presente trabalho e o fato de que a microestrutura dos verbetes do *Merriam-Webster* (2010), em grande maioria, ocupa duas páginas, entendemos por bem selecionar um *corpus* não muito extenso. Desta maneira, elegemos cinco verbetes, os quais terão as imagens que constituem seus arranjos microestruturais apresentadas e analisadas a seguir.

Análise das imagens nas microestruturas de verbetes do *Merriam-Webster* (2010)

Considerando o arranjo multimodal do dicionário *Merriam-Webster* (2010) e dentro do que Kress e van Leeuwen (1996, 2006) propõem sobre o valor informacional da *metafunção composicional*, vemos que no primeiro verbete a ser analisado, equivalente a entrada *Moon*, os elementos imagéticos se encontram divididos em zonas referentes às áreas esquerda/direita, separadas na figura 1 por uma linha de cor vermelha.

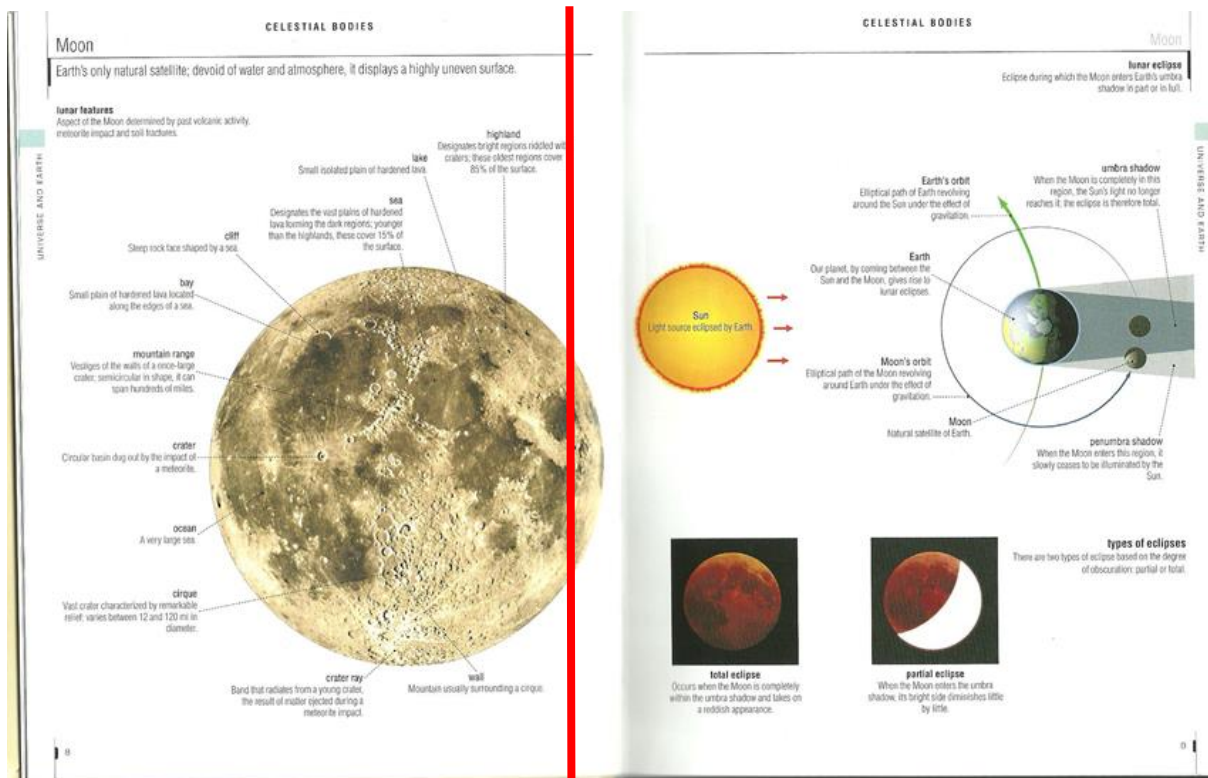


Figura 1: verbete *Moon* (MERRIAM-WEBSTER, 2010, p.8-9)

Ao observar a microestrutura do verbete, percebemos que no lado esquerdo somente a imagem da Lua é posta em destaque, enquanto do lado direito outras imagens relacionadas à Lua – como os tipos de eclipse lunar, por exemplo – são dispostas ao longo da página.

Como já citado no referencial teórico, as zonas esquerda e direita denotam valores informacionais específicos que dizem respeito ao valor do dado e do novo, respectivamente. Dessa forma, associando a disposição das imagens do verbete *Moon* aos valores que cada área denota, temos que o elemento visual colocado no lado esquerdo (dado), no caso, a imagem ampliada da Lua, é considerada uma informação familiar aos possíveis leitores ou de algum modo conhecida por eles; já os elementos visuais colocados no lado direito (novo), isto é, as demais imagens associadas à Lua, apresentam dados que não são completamente familiares aos leitores da imagem e que, por isso, requerem atenção específica.

Ainda tratando da categoria referente ao valor informacional, partimos para a zona referente ao topo/base, a qual corresponde aos valores ligados ao ideal/real. A fim de exemplificar esta zona, temos o verbete *Sponge*, destacado a seguir.

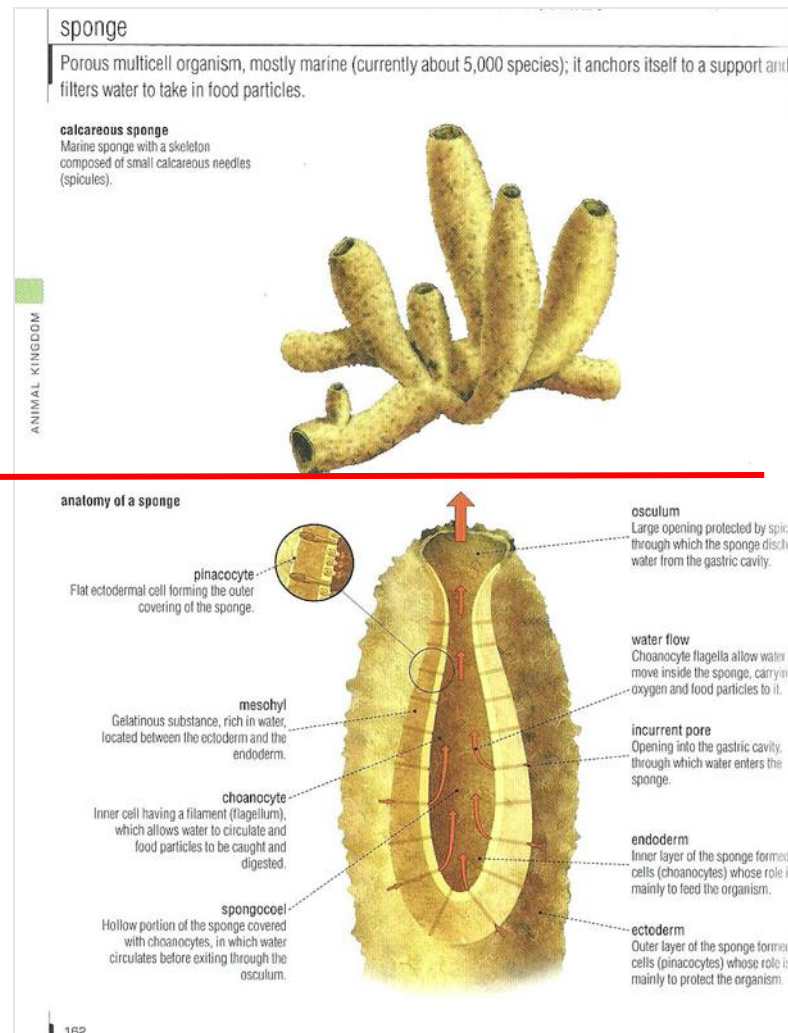


Figura 2: verbete *Sponge* (MERRIAM-WEBSTER, 2010, p.162)

Nesse verbete, cuja microestrutura está separada em duas partes por uma linha vermelha, podemos ver que a área do ideal corresponde à metade superior da página onde a esponja, animal marinho definido na microestrutura, é retratada. A imagem da esponja, desconsiderando as prováveis mudanças relacionadas às diferentes espécies, corresponde a uma representação geral da aparência desse animal, portanto, seu posicionamento no topo da página se coaduna com o que Kress e van Leeuwen (1996, 2006) afirmam sobre o valor informacional idealizado, ou generalizado, ligado a esta área e sobre o fato de que, devido ao estilo de leitura ocidental (de cima para baixo), a parte superior da página – na qual a imagem do animal se localiza – tem maiores chances de ser focalizada pelo leitor.

Na parte inferior da página, correspondente à área do real, observamos elementos visuais mais específicos que representam a anatomia interna e externa do corpo do animal (ver figura 2). Em oposição ao que é posto no topo, as informações apresentadas na base do verbete *Sponge* entram em

consonância com o valor informacional desta área que, como Kress e van Leeuwen colocam, se relaciona às informações de caráter mais específico e prático se comparadas àquelas dispostas no topo. Vale ressaltar também que o posicionamento na parte de baixo da página denota que as informações visuais ligadas à estrutura anatômica das esponjas têm menos chances de serem lidas prioritariamente pelo leitor, tendo em vista o estilo de leitura ocidental já descrito em outro ponto do texto.

No que concerne à relação centro/margem, temos como exemplo o verbete *Flower* representado na figura 3.

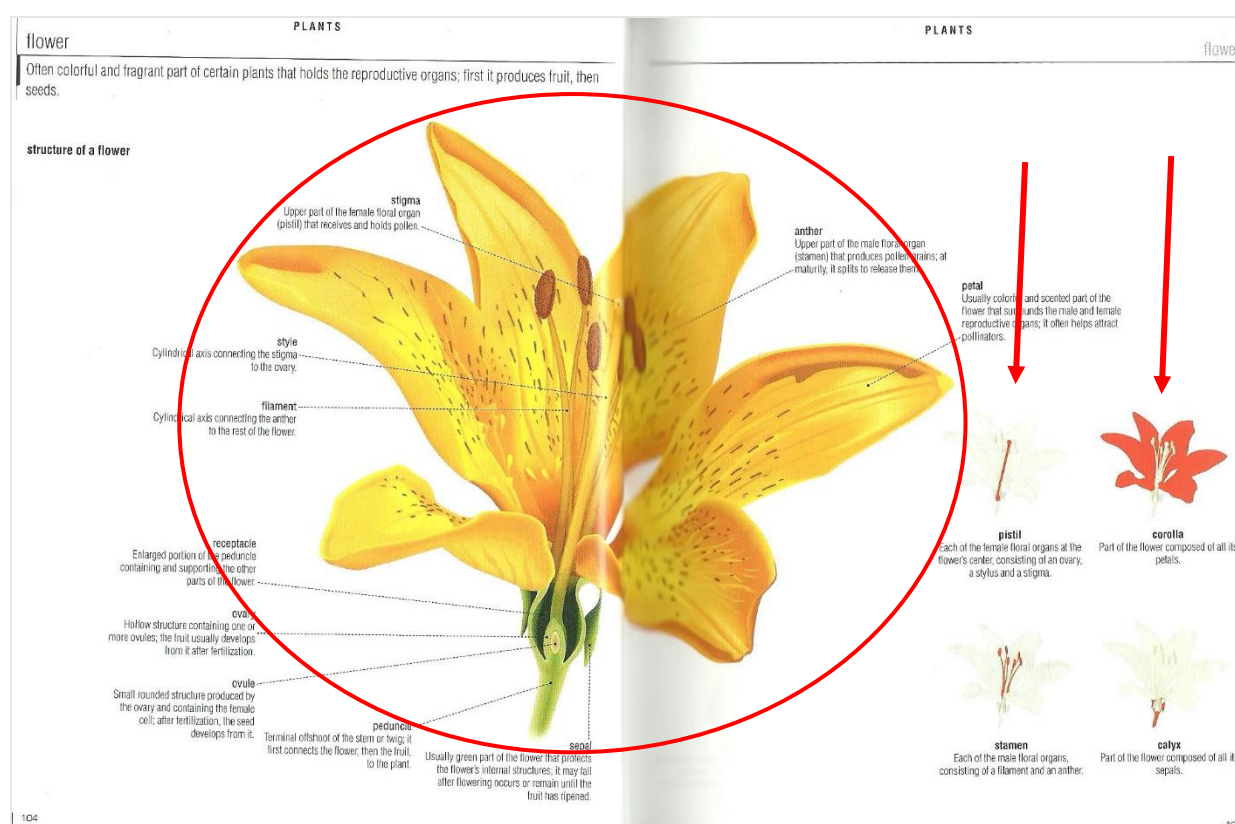


Figura 3: verbete *Flower* (MERRIAM-WEBSTER, 2010, p.104-5)

Nesse verbete, a imagem da flor, destacada pelo círculo, está localizada na parte central do arranjo microestrutural, formando seu núcleo; desse modo, este elemento visual carrega um valor informativo maior em relação às partes da flor – indicadas por setas na lateral da página – que são tidas como elementos subordinados ou periféricos devido a sua localização na margem do todo imagético.

Dando sequência à análise das categorias que fazem parte da *metafunção composicional*, partimos agora para a saliência, isto é, a relevância dada a determinados elementos dentro da imagem. Nos verbetes *Moon* (ver figura 1) e *Flower* (ver figura 3) já analisados, podemos observar que tanto a imagem da Lua quanto a da flor são mais salientes, em termos de tamanho e de cores, por exemplo, do que os demais elementos visuais que compõem as microestruturas desses verbetes. A maior saliência dada a estas duas imagens – Lua e flor – relaciona-se ao fato de que, em ambos os casos, as palavras-entrada que encabeçam os verbetes se referem diretamente a essas imagens; quer dizer, nesses verbetes as palavras-entrada indicam que os vocábulo Lua e flor (*Moon* e *Flower*, como apresentado no dicionário) serão ali definidos tanto pelo código verbal quanto pelo imagético, assim, quaisquer outras informações sobre esses vocábulo inseridas nos arranjos microestruturais serão secundárias e representadas com menor destaque.

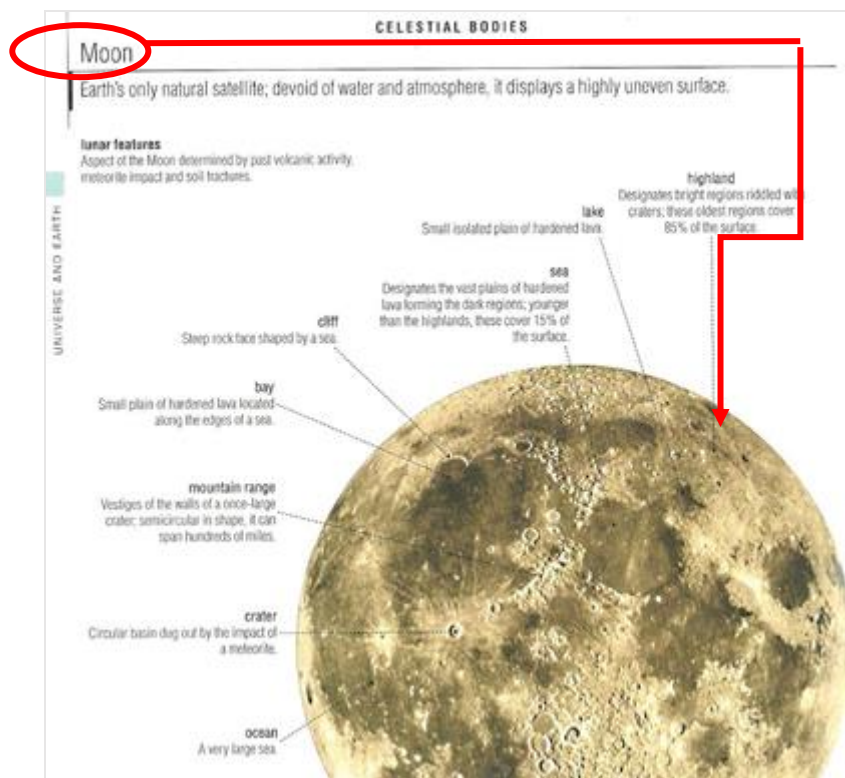


Figura 4: *link* entre a palavra-entrada *Moon* e a imagem da Lua representada na microestrutura do verbe

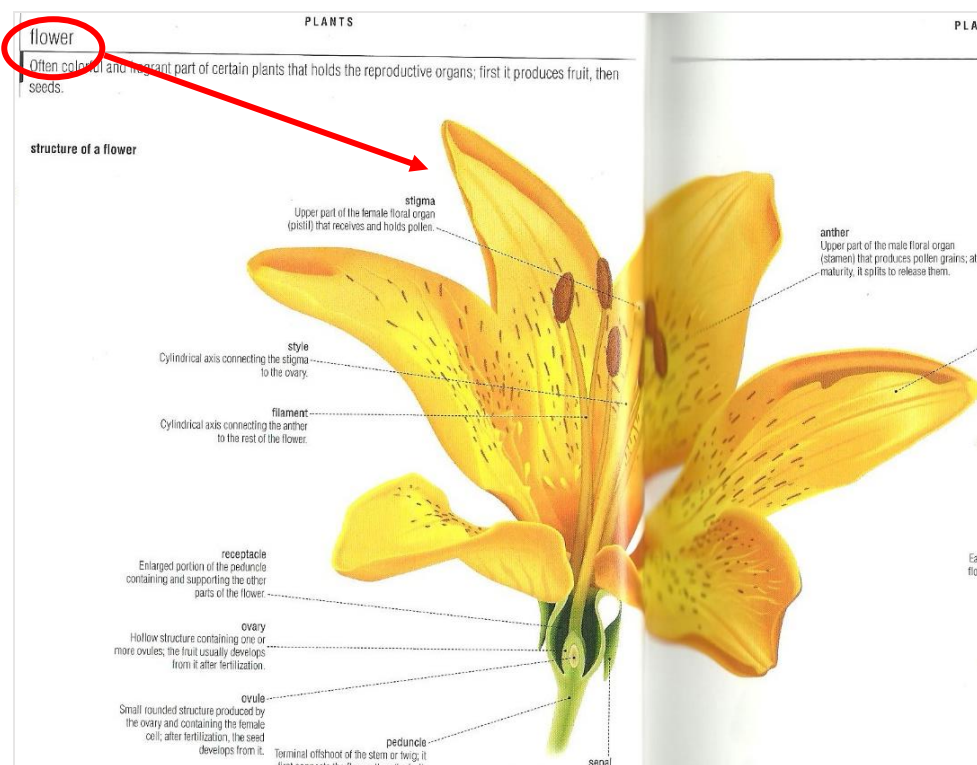


Figura 5: *link* entre a palavra-entrada *Flower* e a imagem da flor representada na microestrutura do verbete

No que diz respeito à estruturação como a concebem Kress e van Leeuwen (1996, 2006), observamos no exemplo do verbete *Leaf vegetables* a chamada conexão, ou estruturação fraca, pois, observando a microestrutura por completo (ver figura 6), percebemos que os elementos visuais representados na página se aproximam por apresentarem cores, formas e tamanhos semelhantes, parecendo pertencer ao mesmo bloco ou grupo.

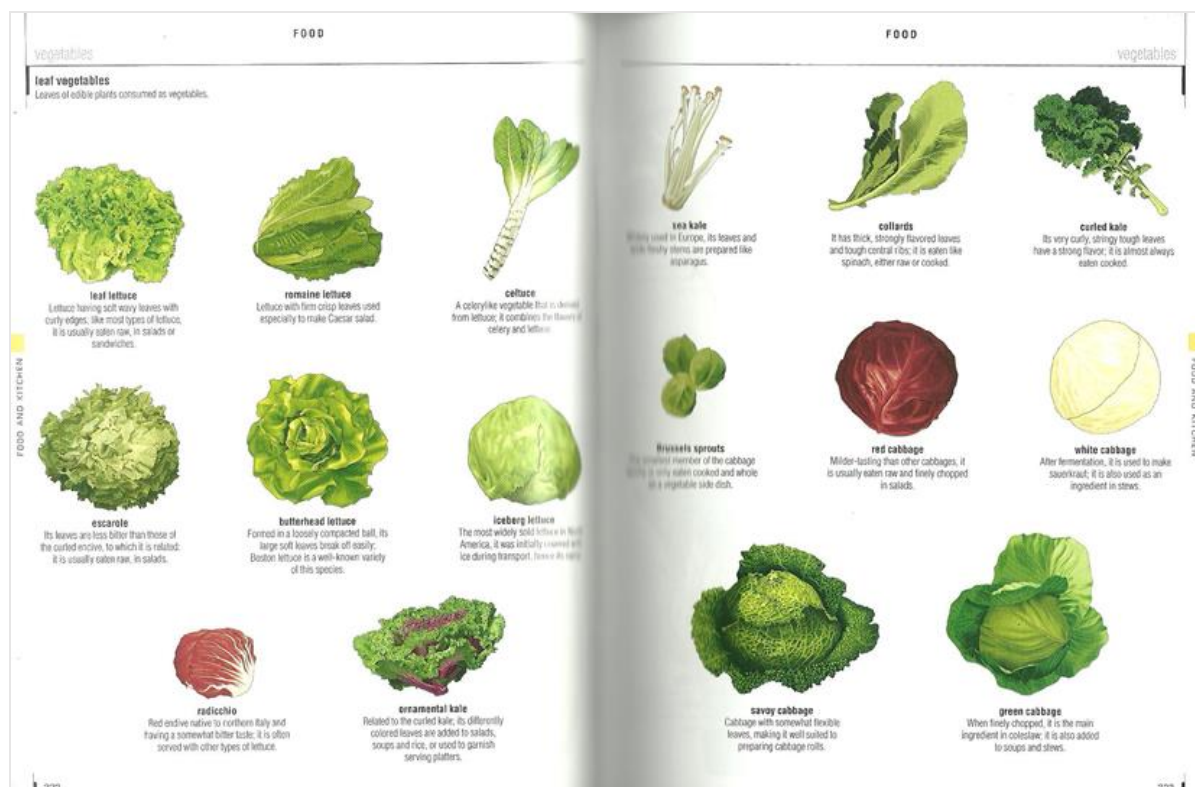


Figura 6: verbete *Leaf vegetables* (MERRIAM-WEBSTER, 2010, p.322-3)

Esta percepção de aproximação entre os elementos dispostos na imagem ocorre também em função do plano de fundo branco que auxilia na composição do todo imagético. O *background* branco aparentemente não resalta uma zona informacional da página mais que outra, dando a sensação de que os elementos que a compõem se interligam como parte de um único conjunto que, no caso do verbete exemplificado, seria o conjunto dos vegetais formados por folhas.

Ainda tratando da estruturação, temos no verbete *Tectonic plates*, destacado a seguir, uma amostra de desconexão, ou estruturação forte.

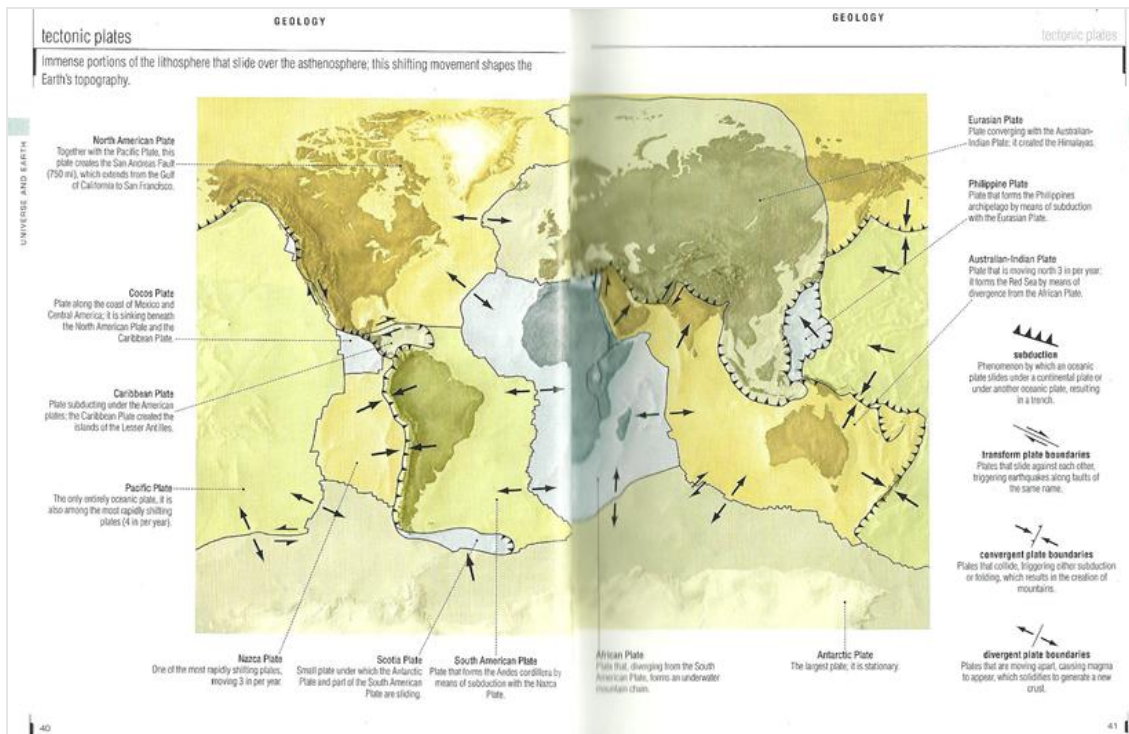


Figura 7: verbete *Tectonic Plates* (MERRIAM-WEBSTER, 2010, p.40-1)

Na microestrutura do verbete, podemos notar que a imagem colorida representada no centro da página contrasta com o *background* branco. Este contraste cria a ilusão de planos distintos dando ao leitor a impressão de descontinuidade, o que caracteriza a diferenciação (desconexão) entre os elementos que compõem a microestrutura.

Considerações finais

Ao longo deste trabalho, tivemos como objetivo analisar as imagens que compõem as microestruturas de cinco verbetes referentes ao dicionário visual *Merriam-Webster* (2010) a partir da *metafunção composicional*. Procuramos aplicar ao *corpus* de análise as categorizações propostas por Kress e van Leeuwen (1996, 2006) em relação à metafunção citada anteriormente além de destacar, no âmbito da Metalexigrafia, características no que diz respeito, por exemplo, ao dicionário visual.

Durante as análises, pudemos perceber que a disposição dos elementos visuais dentro da microestrutura de alguns verbetes ressalta determinadas zonas informacionais mais que outras – por exemplo, a zona do dado (esquerda) no verbete *Moon* em relação à zona do novo (direita) – com o objetivo de chamar a atenção do leitor para a informação visual veiculada naquela zona específica.

No que diz respeito à saliência, observamos que, dentro do arranjo microestrutural, certas representações visuais estão mais destacadas em detrimento de outras. No caso do verbete *Flower*, por exemplo, notamos que a saliência atribuída à imagem representada da flor relaciona-se ao fato de que a palavra-entrada que encabeça esse verbete – ou seja, o vocábulo *Flower* – se refere diretamente a essa imagem.

A questão da estruturação também foi estudada no *corpus* de verbetes selecionados do *Merriam-Webster* (2010). A estruturação fraca (conexão), por exemplo, foi observada no verbete *Leaf vegetables* cujas imagens de vegetais representadas no plano microestrutural, devido à semelhança, parecem pertencer a um mesmo grupo. A estruturação forte (desconexão), por sua vez, foi observada no verbete *Tectonic Plates* que apresenta, em sua microestrutura, elementos visuais cuja cor realçada cria a ilusão de descontinuidade em relação ao *background*, caracterizando a aparente desconexão entre estas partes.

Enfim, ao propormos este trabalho de viés multimodal focalizamos nossa atenção em como apenas uma metafunção, no caso a *composicional*, poderia ser analisada na obra lexicográfica selecionada. Com isso dito, salientamos que o estudo do dicionário *Merriam-Webster* (2010) não se encerra aqui, uma vez que o caráter multimodal e a disposição dos elementos que compõem seus verbetes tornam possível que pesquisas futuras – e talvez mais amplas – desenvolvam-se tendo este material como objeto de estudo.

Referências

ALMEIDA, D. B. L. (Org.). **Perspectivas em análise visual** – do fotojornalismo ao blog. João Pessoa: UFPb, 2008.

_____. Do texto às imagens: as novas fronteiras o letramento visual. In: PEREIRA, R. C.; ROCA, P.(Org.). **Linguística Aplicada** – um caminho com diferentes acessos. São Paulo: Contexto, 2009, p.173-202.

DAMIM, C. **Parâmetros para uma avaliação do dicionário escolar**. 2005. 233 p. Dissertação (mestrado em Estudos da Linguagem). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

ESCRIBANO, C. G. La microestructura del diccionario: las informaciones lexicograficas. In: Guerra, A.M.M. Antonia (Org.). **Lexicografía española**. Barcelona: Ariel Lingüística, 2003, p.103-126.

KRESS, G.; VAN LEEUWEN, T. **Reading images: the grammar of visual design**. London, New York: Routledge, 2006. Cap. 2.

MERRIAM-WEBSTER. **Merriam-Webster's compact visual dictionary**. Montreal: QA International, 2010.

PONTES, A. L. **Dicionário para uso escolar: o que é e como se lê**. Fortaleza: EdUECE, 2009.

RANGEL, E. O. **Dicionários em sala de aula**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

SILVA, L. F. **Estudo crítico da representação visual do léxico em dicionários infantis ilustrados**. 2006. 139 p. Dissertação (mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, 2006.

WELKER, H. A. **Dicionários: uma introdução à lexicografia**. Brasília: Thesaurus, 2004.

Obra recomendada

HALLIDAY, M. A. K. **An introduction to functional grammar**. 3. ed. London: Arnold, 2004.